

“Mas que tudo colono era assim”: histórias sobre trabalho e tradições na região rural de Joinville.<sup>1</sup>

Maria Elisa Horn Iwaya, UNIVILLE  
[elisaiwaya@gmail.com](mailto:elisaiwaya@gmail.com)

Janine Gomes da Silva, UNIVILLE

## Introdução

trabalhar as memórias<sup>2</sup> da cidade de Joinville percebemos o quanto nos é pertinente voltar a olhar com mais atenção para o que nos lembra Ecléa Bosi<sup>3</sup> ao tratar das “lutas pela memória”, como algo que, “todos temos conhecimento de causa”. Nesta perspectiva procuramos trazer a tona patrimônios materiais e imateriais, realizando um levantamento histórico e de registros fotográficos da região estudada a fim de contribuir com a produção historiográfica local e por meio da metodologia da História Oral, nas entrevistas com as mulheres, principalmente ligadas a Fundação 25 de Julho, positivar as práticas cotidianas, os detalhes, “os modos de criar, fazer e viver” propostos por Certeau<sup>4</sup>, de uma Joinville que passou por profundas transformações a partir da segunda metade do século XX em virtude da crescente industrialização.

Para efetivação da pesquisa, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica, com a análise de produções sobre gênero, história de Joinville, memória, história oral, patrimônio histórico e cultural; realizou-se também uma pesquisa documental e um levantamento de dados, principalmente no acervo do Arquivo Histórico de Joinville – AHJ. Em razão da escassez de fontes documentais que enfoquem esta problemática, trabalhamos com a metodologia da história oral, por meio de entrevistas, concedidas por mulheres preferencialmente nascidas antes da década de cinquenta, que podem de modo privilegiado, narrar histórias sobre a cidade de Joinville, suas transformações e permanências.

---

<sup>1</sup> As considerações apontadas neste artigo foram parcialmente apresentadas na Sessão Temática 14 - História Oral e interculturalidade, do 3º Encontro Anual do Núcleo de Estudos em História Oral – USP: “Desafios e Perspectivas”, 6 de Dezembro de 2008. Orientado por Janine Gomes da Silva – Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE e subsidiado pelo FAP/UNIVILLE.

<sup>2</sup> A este respeito e sobre a utilização da metodologia da História Oral ver; AMADO (1998), FERREIRA (2006) e PORTELLI (1997).

<sup>3</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P.410-411.

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

## 2. Sobre as memórias...

Direcionando o olhar para a Estrada Bonita, Estrada Mildau e Quiriri, pertencentes à localidade de Pirabeiraba, ainda pouco problematizada pela historiografia local, como nos lembra Valdete Daufemback<sup>5</sup>, percebemos traços recorrentes em muitas das falas de nossas entrevistas, como a inexistência de um período de *infância*, uma vez que este está geralmente associado ao trabalho na agricultura familiar<sup>6</sup>, bem como o crescente abandono desta atividade pelas novas gerações, que se voltam (por opção ou falta dela) ao trabalho assalariado em empresas ou indústrias, gerando a chamada “vitória da cidade sobre o campo”<sup>7</sup>, no período que se estende das décadas de 1960 a 1980.

Esta crescente industrialização não afeta só a parte física da região rural, poluindo seu ar e contaminando suas nascentes, mas também contribui para o que muitas (os) entrevistadas (os) apontam como “perdas” do seu patrimônio material e imaterial. Exemplos podem ser verificados nas falas de Anelore Artmann, moradora da Estrada Mildau, ao contar sobre as modificações que este espaço sofreu com a “modernização” em sua estrutura física, mas ao mesmo tempo subjetiva;

A casa hoje em dia não existe mais, que era uma casa bem antiga, aquela casa a gente teve que desmanchar ela quando passou a alta tensão. [...] Eu acho assim que, os ‘colonos’ tão se acabando aqui, pelo menos na nossa rua aqui, têm muita pouca gente ainda que planta e que, antigamente a maioria, do meu tempo de criança, a maioria vivia do que plantava.<sup>8</sup>

Renate Bloemer<sup>9</sup>, nascida e criada na região do Quiriri relata a falta de apoio para a manutenção de atividades artesanais;

---

<sup>5</sup> NIEHUES, Valdete Daufemback - **Joinville rural**: o lugar esquecido pela história e valorizado pelo turismo. Disponível em: <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=11320> Acesso: Setembro/2008.

<sup>6</sup> Mailinda Witt fala sobre uma infância pobre e de muito trabalho, ressaltando; “Que eu me lembro, única coisa que a gente levou um pouco de receita de casa, só da cuca, né, porque, nós éramos de uma família grande vamos dizer assim, né, e aqueles tempos só existia doce pra natal, ano novo e páscoa, né, outro tempo não existia doce. E agora sempre tem que ter né [...] Mas que tudo colono era assim [...] Eram pobre, graças a deus pra comer nós sempre tinha, isso nunca faltava, a gente comia simples né, mas tinha pra comer, nem que era pão de fubá.” WITT, Mailinda. Entrevista concedida à Valéria K. Esteves e Maria Elisa Horn Iwaya, Joinville, 04 de Novembro de 2008.

<sup>7</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. A cidade contra o campo. In: BRANCHER, Ana (Org) **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p.42.

<sup>8</sup> ARTMANN, Anelore. Entrevista concedida a Maria Elisa Horn Iwaya, Joinville, 29 de Agosto de 2008.

<sup>9</sup> ARAÚJO, Ana Maria Coutinho de Araújo, BLOEMER, Renate. Entrevista concedida a Maria Elisa Horn Iwaya, Joinville, 16 de Outubro de 2008.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Antigamente, antes de eu casar, o meu pai fazia farinha. Ele tinha um engenho de farinha. Hoje ainda existe, mas está desativado. Ele está precisando de uma reforma, eu já fui atrás, mas não consegui ajuda de nada. A gente só não está conseguindo.

Este progressivo avanço da cidade sobre o campo, que faz brotar fábricas e chaminés, no lugar antes destinado as pequenas propriedades e as plantações, é sentido pelos moradores das estradas rurais, como bem resume o senhor Paulo Witt, nascido e criado na região da Estrada Bonita; “Antigamente o colono vendia pra cidade, hoje a cidade vende pro colono”<sup>10</sup>.

Ao utilizarmos a questão de gênero como categoria de análise histórica<sup>11</sup> para investigar o papel da mulher nesta sociedade, seus “domínios” e trabalhos, faz-se significativo positivar algumas de suas falas, como a de Anita Gehrman Hattenhauer<sup>12</sup>, que afirma;

[...] Aqui a gente não pode dizer – vou fazer só aquilo e faz só aquilo, aqui todo mundo tem que por a mão na massa quando chega na hora e fazer de tudo, não tem escolha [...] A mulher acho que ela é mais... Não sei como vou explicar isso, mas ela vai atrás das coisas, ela enfrenta barreiras muitas vezes, né. Ela é determinada em algumas coisas então acho que o papel da mulher é muito importante.

Desta forma indagamos se o espaço destinado para homens e mulheres é equivalente, uma vez que nota-se que a mulher no meio rural não se limita a atuação doméstica, mas participa ativamente, e por vezes lidera a organização da agricultura-familiar. Positivamos também narrativas em que “os papéis se invertam”<sup>13</sup>, observando como trabalhos comumente tidos como “femininos” como o preparo do alimento, dos doces e o cultivo de flores por vezes é desempenhado por outros membros da família.

Problematizando a questão patrimonial<sup>14</sup>, podemos observar vários aspectos nas narrativas das (os) entrevistados, que por vezes remetem-se a questão material, do patrimônio edificado, ou voltam-se para discutir a sua imaterialidade. Nestas memórias de mulheres despontam representações que nos remetem aos espaços de sociabilidades e divertimento na região rural, com destaque para “as festas típicas” e “tradicionalistas” que enaltecem um passado de “berço germânico”. O modo como estas tradições são (re) inventadas e (re) significadas, apontado na obra de

---

<sup>10</sup>WITT, Mailinda e Paulo. Cit.

<sup>11</sup>SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5–22, jul./dez. 1990.

<sup>12</sup>HATTENHAUER, Anita G. – Entrevista concedida à Valéria K. Esteves e Maria Elisa Horn Iwaya. Joinville, 2008.

<sup>13</sup> Destaco como importantes referências para um estudo sobre a História das mulheres e a utilização de gênero como categoria de análise histórica as seguintes autoras: DEL PRIORE (1997), KOFES; PISCITELLI (1997), PEDRO (1994) e SCOTT (1900).

<sup>14</sup>GONÇALVES (2007), em sua obra **Antropologia dos Objetos**: coleções, museus e patrimônios, que trabalha as noções que constituem o conceito de patrimônio, a materialidade, a ressonância e a subjetividade.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Hobsbawm<sup>15</sup>, fica evidenciado em algumas narrativas de personagens, que de certa forma, ao longo da suas trajetórias de vida procuraram influenciar neste processo, como nos fala Rosinha Sommerfeld<sup>16</sup>, moradora da região da Estrada Mildau onde comenta:

Ai nós temos aqui sempre duas festas grande, no Mildau, que é a Festa do Pato, que é a corrida do pato, e a Festa do Cará, que também né, é uma festa grande de tradição que já tem 16 anos [...] e a Festa do Pato nós temos agora parece que 9 anos já!

Por falas como esta fica perceptível este processo de construção de uma *tradição* muito recente, que segue descrevendo;

A Festa do Pato nós temos agora parece que nove anos, agora, ai a Festa do Pato são quatro menininha boneca-frida, ai então elas vendem votos, [...], e as meninas são coroadas, [...], mas são festas que chamam muito atenção. Porque a Festa do Pato ela não existe dentro de Santa Catarina e mesmo no Brasil só tem, nós somos a segunda dentro do Brasil. [...] Esta Festa do Pato surgiu aqui do próprio pessoal, do sítio aqui né, da agricultura, em fazer porque o pato ele corre, não levanta vôo, e é uma carne muito gostosa, saborosa, ai eles inventaram a fazer, e de repente, em reuniões, em grupos de amigos, resolveram e a gente tava junto nesta rodada, e foi feito a primeira festa. E foi, como se diz, com bastante sucesso né, e ai a gente não parou mais! Continuamos! Todo ano!<sup>17</sup>

Procuramos por meio de narrativas femininas evidenciar os territórios<sup>18</sup> da cidade e do campo, estas divisões entre etnias que compõe o “mosaico cultural” joinvilense, ficam explicitas quando comenta-se destas festas como sendo “uma festa mais de alemão”, o que pode nos transmitir a falsa impressão de que este cenário é composto apenas por estes descendentes dos primeiros imigrantes europeus que vieram formar a então “Colônia Dona Francisca”, em 1851<sup>19</sup>. Aparecem demarcados estes espaços de diferentes etnias nas falas de muitas das entrevistadas, que apontam para a questão da necessidade de se falar a língua alemã para se conquistar um emprego no comércio, e sinaliza para a invisibilidade de etnias que “destoem” do “padrão”, como comenta Ana

---

<sup>15</sup>“Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.” HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das tradições**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1997.

<sup>16</sup>SOMMERFELD, Rosinha. Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva. Joinville, 20 de Outubro de 2008.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> A este respeito ver: SANTOS, Milton et al. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.& MORAES, Antônio Carlos Robert. **Território e história no Brasil**. São Paulo – SP: ANNABLUME, 2002.

<sup>19</sup> Sobre a história de Joinville ver; GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.) **Histórias de (I) Migrantes: o cotidiano de uma cidade**. 2ª ed. Joinville: Univille, 2005.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Maria Michels Mafra<sup>20</sup>; “Eram mais de origem [...] Joinville a trinta anos atrás era mais [...] pessoas de cor na época eu nem lembro.”

A este respeito, Silva<sup>21</sup> pontua que; “os discursos sobre Joinville falam de ‘harmonia’, ‘progresso’, ‘ordem’ e ‘trabalho’, primando pelo trabalho dos imigrantes alemães”. Fica nítido então o interesse, desde os tempos de colonização da cidade, em reforçar uma identidade, como aponta;

Costumeiramente os escritos sobre a colonização de Joinville referem-se apenas aos imigrantes alemães. Estes por constituírem um grupo mais numeroso, desde a colonização fazem-se mais presentes em todas as atividades e, aos poucos, vão ‘suprimindo’ as diferenças com os outros grupos germânicos, (re) produzindo uma ideologia calcada na etnicidade. Sem falar ainda dos brasileiros, tratados costumeiramente pelos ‘de origem’ como ‘lusos’ ou ‘caboclos’.<sup>22</sup>

O uso desta expressão “*de origem*” é recorrente nas narrativas para se referir a pessoas com alguma ascendência “germânica” que carregam “traços visíveis” deste parentesco, como características físicas quase sempre precedidas por um sobrenome “alemão”, normalmente não se leva em consideração que muitos dos imigrantes que vieram compor a então “Colônia” procediam de localidades diversas, que não configuram o território da atual Alemanha. São imigrantes dinamarqueses, noruegueses, suíços, austríacos, poloneses, russos e italianos que vieram principalmente motivados pelas dificuldades econômicas e sociais em que se encontravam seus países e aqui somaram-se aos descendentes de portugueses que já residiam na região, aos negros e índios, estes últimos, muito pouco referenciados na historiografia local e regional. Ela ainda é utilizada para diferenciar e re (forçar) características de um grupo étnico em detrimento de outro.

Esta questão do falar o idioma alemão como parte significativa de uma identidade que a cidade procura (re) afirmar constantemente aparece em muitos casos ao rememorar os difíceis anos da guerra e da campanha de nacionalização no Brasil. Como demonstram na narrativa de Anita Hattenhauer, nascida e criada na região da Estrada Bonita que ainda conserva o hábito de utilizar o idioma alemão nas relações cotidianas, na casa, com os filhos, e em suas memórias surge à seguinte lembrança deste período;

---

<sup>20</sup> MAFRA, Ana Maria Michels. Entrevista concedida, Joinville, 14 de Outubro de 2008.

<sup>21</sup> SILVA, Janine Gomes da. **Tensões, trabalhos e sociabilidades**: Histórias de mulheres em Joinville no século XIX. Joinville: Univille, 2004.

<sup>22</sup> SILVA, Janine Gomes da. Id. Ibid.,p.27.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

[...] Depois daquilo passou, mas eu sei que lá naquele primeiro ano daí o meu pai inclusive e o meu avô eles ficaram presos porque eles nasceram o meu avô nasceu na Alemanha, meu pai veio neném também pro Brasil junto com meu avô e minha avó, e daí tinha aquela época, acho que era depois da segunda guerra mundial, e eles ficaram na cadeia, ficaram presos porque falavam o alemão.<sup>23</sup>

Outro ponto interessante de se destacar é que, neste contexto aparecem vários “dialetos” e “variações” do que seria este “idioma alemão”, uma das entrevistadas, filha de agricultores da Estrada Mildau, Caren Dunk<sup>24</sup>, comenta sobre o uso de quatro tipos diferentes deste; “*Tem o alemão que nós falamos, tem o alemão “platt”, e tem mais dois que eu não sei o nome certo*”. Este “platt” ao qual ela faz referência é o Plattdeutsch, uma língua regional, que pertence à área dialectal das línguas germânicas ocidentais faladas no norte da Alemanha e no leste dos Países Baixos. O termo *Platt* significa "plano", "baixo" em português e refere-se às regiões geograficamente baixas do norte da Alemanha e de partes vizinhas do norte da Europa.

Ainda nestas reflexões sobre a imaterialidade patrimonial e buscando compreender como se constroem as representações sobre o feminino na região rural, incluímos no nosso roteiro questões sobre o cotidiano destes homens e mulheres, sua alimentação, a questão dos partos e benzimentos e dos cuidados com o corpo.

Destaco neste texto uma fala de Ana Michels Mafra<sup>25</sup> que fala sobre a existência de benzedeiros na cidade e a grande procura da população por este tipo de auxílio, visto a pouca assistência médica especializada. Ela nos ajuda a perceber os espaços que estas mulheres ocupavam e certo “apagamento” destas memórias, com a progressiva substituição de seus serviços por atendimento profissional. Em sua fala também nota-se o quanto esta figura, da “benzedeira” está impregnada de preconceitos e conotações negativas, sendo por vezes confundida com a da “bruxa” ou a “macumbeira”;

[...] Hoje as duas já são mortas, chamavam ela de Dona Boa, era uma moreninha que tinha ali perto da Ottokar Doerffel e tinha uma outra senhora na Anita Garibaldi. [...] Com o tempo eu comecei a benzer [...] Vai também da fé da pessoa que pede [...] Mas eu não divulgo assim, eu já vim pra cá, pra sumir um pouco porque lá era muito [...] não pediam mais oração, não queriam mais benzimento, já pediam macumbeira, já pediam pra separar casamento.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> HATTENHAUER, Anita G. – Cit.

<sup>24</sup> DUNK, Caren. Entrevista concedida à Maria Elisa Horn Iwaya. Joinville, 20 de Outubro de 2008.

<sup>25</sup> MAFRA, Ana Maria Michels. Cit.

<sup>26</sup> MAFRA, Ana Maria Michels. Cit.

Assim como a grande maioria das mulheres entrevistadas na região rural, a senhora Ana Michels teve sua infância marcada pela existência deste tipo “alternativo” de tratamento, e a utilização de medicamentos naturais, chás e pomadas feitas à base de ingredientes produzidos na própria “colônia”. Sua educação e aprendizado com relação à saúde do corpo estão intimamente vinculados a estas vivências, como nos lembra, que na sua infância “*sempre se curou usando pomada com banha e açúcar*”. O conhecimento que estas mulheres detêm sob as ervas ainda gera suspeita daqueles que não crêem, e mesmo em falas de pessoas mais jovens, ainda aparecem relatos deste tipo de cuidado. Destaco a fala de Caren Dunk<sup>27</sup>, que revela ter aprendido um tipo de benzimento com seu pai;

O que meu pai me ensinou foi a curar bronquite. [...] Diz que tinha um segredo lá, mas quando a criança tem bronquite, é só botar na porta onde ela mais passa antes do sol nascer, com as costas na parede, passa um risco em cima da cabeça e fala os três nomes mais importantes, que esqueci. [...] Meu pai fez com meu filho e curou.

Deste modo podemos perceber que este tipo de vivência e aprendizado não constitui algo “essencialmente feminino” e é (re) produzido e (re) significado de geração em geração, ajudando a formar a identidade destas personagens rurais.

### 3. Considerações...

Este estudo aponta para a multiplicidade de temas ainda em aberto e que não foram devidamente problematizados pela historiografia local. Questões que envolvem discussões sobre tradição, mito fundador, território, gênero, etnia e aspectos do cotidiano, dos “modos de fazer” e do patrimônio cultural, sobretudo em sua imaterialidade. Não tem pretensão de traçar nenhuma verdade incontestada, mas sim lançar algumas pistas sobre a possibilidade da utilização da metodologia da História Oral entremeada com a questão de gênero a fim de perceber as características da região rural, bem como o modo como esta reagiu ao processo de industrialização.

---

<sup>27</sup> DUNK, Caren. Cit.